

“RODA DE CONVERSA” NA TERCEIRA IDADE: UMA PRÁXIS EDUCAÇÃO PERMANENTE NA UEM

Dirlene Aparecida Silva da Fonseca*
Raymundo de Lima**

RESUMO

A Universidade Estadual de Maringá por meio do Programa do Centro de Referência do Envelhecimento – PROCERE, oferece um projeto denominado “Roda de Conversa”, ofertado em encontros, de pessoas idosas, contribuindo para o estabelecimento de vínculos afetivos. Objetivo desse trabalho é analisar trocas de experiências sociais vivenciadas que permitem conhecer medos, inseguranças e frustrações de cada um, que aos serem expostas podem resultar em ações concretas de superação. Compreender como Projeto Roda de Conversa, para pessoas da terceira idade que frequentam a UNATI/UEM, está contribuindo para a melhoria da qualidade dos indivíduos que dela participam, desmistificando o papel do idoso na sociedade a qual ele está inserido, A Roda de Conversa é um projeto de extensão que pertence ao Programa Centro de Referência do Envelhecimento (PROCERE) o qual consta no organograma da Universidade Aberta à Terceira Idade(UNATI/UEM). A UNATI/UEM por sua vez, foi criada em 14 de dezembro de 2009, mas somente em 7 de março de 2010, foi sua aula inaugural. A educação permanente para as pessoas que estão na terceira idade é o princípio que fundamenta a ação educativa da UNATI/UEM, orientada pela esperança em uma perspectiva progressista. A Roda de Conversa, que dá o título ao projeto, é inspirada nos Círculos de Culturas, implantado pelo educador e filósofo Paulo Freire, que é a parte mais substancial do projeto. Os encontros, com duração de uma hora e trinta minutos, realizam-se semanalmente às sextas-feiras no período vespertino, com temas sugeridos pelos participantes e provocações da equipe do projeto, que introduzem “temas dobradiças”, que alargam e aprofundam as conversas. Ao final, é oferecido um lanche aos participantes. Tem a frente dois coordenadores, um com formação em pedagogia e outro em psicologia, uma aluna da graduação em pedagogia, e alunos idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade. O grupo dinamizador reúne-se semanalmente para planejar e avaliar as ações. Utiliza-se de temas abordados, para facilitar a associação do participante sobre o mesmo. Este grupo é formado por idosos, muitos solitários, receberam uma educação tradicional, demandam falar, – conversar - sobre diversos assuntos da vida cotidiana, da história pessoal. É possível aprender como usar o tempo de falar e de escutar, estabelecer diálogo com seus pares, respeitar aos diferentes pontos de vista, o respeito a formação de novos vínculos de amizade, enfim, buscar um novo sentido existencial

Palavras-chave: Roda de Conversa com Idosos. Universidade da 3ª. Idade. UNATI.-UEM. Educação Permanente. Diálogo entre Idosos.

* Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: dirlenefonseca@hotmail.com

** Professor Orientador da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ray_lima@uol.com.br

ABSTRACT

The State University of Maringá through the Program of the Reference Center for Aging - PROCERE, offers a project called "Wheel of Talk", offered in meetings, of elderly people, contributing to the establishment of affective bonds. The objective of this work is to analyze exchanges of social experiences that allow us to know the fears, insecurities and frustrations of each one, which can be exposed in concrete actions of overcoming. Understanding how the Wheel of Conversation Project for elderly people attending UNATI / EMU is contributing to the improvement of the quality of the individuals participating in it, demystifying the role of the elderly in the society to which it is inserted, The Wheel of Conversation is An extension project that belongs to the Center for the Reference of Aging Program (PROCERE), which is on the organization chart of the University

Open to the Third Age (UNATI / UEM). UNATI / UEM, in turn, was created on December 14, 2009, but only on March 7, 2010, was its inaugural class. Continuing education for the elderly, is the principle that underpins the educational action of UNATI / UEM, guided by hope in a progressive perspective. The Conversation Wheel, which gives the title to the project, is inspired by Circles of Cultures, implanted by educator and philosopher Paulo Freire, which is the most substantial part of the project. The one-hour and thirty-minute meetings are held weekly on Fridays in the evening, with topics suggested by participants and provocations from the project team, which introduce "hinge themes" that broaden and deepen conversations. At the end, a snack is offered to the participants. There are two coordinators, one with a background in pedagogy and another in psychology, a graduate student in pedagogy, and senior students from the University Open to the Third Age. The revitalizing group meets weekly to plan and evaluate actions. The topics covered are used, to facilitate the association of the participant on the same. This group is formed by the elderly, many lonely, received a traditional education, demand to speak, - talk - about various subjects of daily life, personal history. It is possible to learn how to use the time to talk and listen, to establish dialogue with their peers, to respect different points of view, to respect the formation of new bonds of friendship, and finally to seek a new existential meaning.

Keywords: Wheel of Conversation with the Elderly. University of the 3rd. Age. UNATI.-UEM. Permanent Education. Dialogue among the Elderly.

1 INTRODUÇÃO A PESQUISA

O que é velhice? Responder a esse questionamento está cada vez mais difícil na atualidade, no momento em que a medicina proporciona uma vida cada vez mais longa e com maior qualidade ao ser humano. Foi-se o tempo em que as pessoas de cinquenta ou sessenta anos eram velhinhos curvados sob o peso dos anos, anciões apoiados em bengalas ou vovós acomodadas em cadeiras de balanço fazendo crochê e esperando o seu final.

Hoje aqueles que fazem parte do grupo da terceira idade são pessoas dinâmicas, que correm nos parques, frequentam academias e cuidam tanto de sua saúde mental como da saúde física. Muitos fazem atividades que enriquecem a sua vida e que, muitas vezes, apenas em uma idade mais avançada adquiriram as condições de realizá-las.

Mas, ao mesmo tempo em que a idade traz consigo a experiência e a maturidade, também a acompanham as perdas e as consequências físicas de um corpo que tem suas células também envelhecendo e diminuindo suas atividades.

Nesse sentido, é importante que a pessoa, ao aproximar-se de uma idade mais avançada, tenha oportunidade de convivência com outras pessoas, bem como de apoio psicológico para enfrentar os problemas que acompanham esse período.

A Universidade Estadual de Maringá, através do Programa do Centro de Referência do Envelhecimento PROCERE, por meio um projeto de extensão denominado “Roda de Conversa”, ofertado em encontros apenas com pessoas idosas para o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos.

Portanto, objetivo do trabalho de conclusão de curso de Pedagogia (TCC) é o de compreender se a Roda de Conversa para a Terceira Idade da UNATI/UEM está contribuindo para melhorar a “qualidade de vida” do idoso que dela participa. Desmistificar a condição do idoso em nossa época, divulgar a importância de projetos que promovam a socialização entre pessoas da terceira idade contribuindo tanto para sua educação permanente, tanto como otimizar sua saúde psíquica e social. Sobre “qualidade de vida” acompanhamos as seguintes definições: (a) Qualidade de vida indica o nível das condições básicas e suplementares do ser humano, que se referem desde o bem-estar

físico, mental, psicológico e emocional, os relacionamentos sociais, como família e amigos, e também a saúde integral, a educação e outros parâmetros que afetam a vida humana. (b) Qualidade de vida diz respeito, justamente, à maneira pela qual o indivíduo interage, levando-se em conta sua individualidade e subjetividade, sua interação com o mundo externo, portanto, a maneira como o sujeito é influenciado e como influencia. "Vida com qualidade" é determinada por uma relação de equilíbrio entre forças internas e externas. (ALMEIDA, 2012). OBS.: Não se deve confundir "qualidade de vida" com "estilo de vida", "condição de vida", "bem estar subjetivo"; (c) A Organização Mundial da Saúde (OMS, 1995 *apud* ALMEIDA, 2012), define qualidade de vida como "a percepção do indivíduo de sua inserção na vida no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações".

Como a autora *deste TCC, em fase final da graduação de Pedagogia, a pesquisa desse trabalho*, Roda de Conversa na Terceira Idade, UNATI/UEM, foi desenvolvida, sobre o processo de "educação permanente" de idosos, que obviamente contribui para melhorar a qualidade de suas vidas; sempre aproveitando a experiência de vida de cada participante disposto a trocar impressões, opiniões, buscar esclarecimentos, dialogar, conversar, de modo democrático, sem pressão, cada um no seu tempo e estilo de participar.

A condução da Roda é profissional. A primeira fase foi dirigida por uma pedagoga, Professora e Doutora do curso de Pedagogia da UEM Regina Taam Departamento Teoria e Prática da Educação, (DTP). A segunda fase é conduzido pelo psicólogo, Professor Doutor Raymundo de Lima que atua no Departamento de Fundamentos da Educação,(DFE) UEM. Ambos concebem o grupo como totalidade dinâmica, aberta para a inclusão e participação de cada membro do grupo. Parece que um profissional concebe a qualidade de vida do idoso a partir da busca da cidadania plena, autorealizadora. Já o outro profissional, embora inclua esta perspectiva, dá ênfase mais à saúde psíquica destas pessoas.

O trabalho tem ainda como objetivos específicos o de desmistificar o papel do idoso perante a sociedade a qual está inserido e divulgar a importância de projetos que propiciem a socialização entre pessoas da terceira idade.

A metodologia empregada no trabalho foi a da pesquisa qualitativa, constituída por duas etapas: a primeira, relativa à pesquisa bibliográfica sobre o assunto em livros, artigos e *sites* científicos sobre a temática do trabalho; e a

segunda etapa, observação, participação e ação junto com os participantes da Roda de Conversa, utilizando como recurso as histórias de vida escritas e orais contadas por eles/ elas, ao revelarem suas experiências, a educação recebida conforme a geração dos 60 anos em diante, e, dessa maneira, buscando a respostas para organizar o trabalho de conclusão de curso.

A primeira fase da coleta de dados da pesquisa foi efetuada entre os meses de fevereiro a dezembro de 2015, em encontros realizados semanalmente às sextas feiras, com duração de uma hora e trinta minutos. Na segunda fase do trabalho, houve uma troca na coordenação do projeto e, apesar das modificações na orientação, a dinâmica do grupo não se alterou, portanto, a coleta de dados teve continuidade até novembro de 2016.

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: inicialmente, buscou-se entender a velhice em seu desenvolvimento histórico e o processo de envelhecimento conforme estudos na literatura selecionada; a seguir será exposto o início do com a Roda de Conversa, na UEM/UNATI, como surgiu, e sua evolução; na sequência, é descrito o funcionamento da Roda de Conversa, bem como a análise do todo deste trabalho.

2 A VELHICE EM SEU DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO

Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.), estadista e pensador romano que se transformou no símbolo supremo da oratória, na dedicatória de sua obra “Saber Envelhecer”, declara: **Os homens desejam avançar a velhice, mas ao ficarem velhos se lamentam.** Eis aí a inconsequência da estupidez (CICERO, 1999, p. 9, negrito nosso). O autor afirma ainda:

Em verdade, se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. **Não são a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidades, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento.** E certos velhos, em vez de se repetirem, **continuam mesmo a estudar coisas novas.** Sólon, por exemplo, se deleita, em seus versos, de aprender todo dia alguma coisa nova, ao envelhecer. Fiz como ele, descobrindo a literatura grega numa idade avançada. Entreguei-me a este estudo com

avidez, como se quisesse estancar uma sede premente [...] Ao ficar sabendo que Sócrates agiu do mesmo modo estudando a lira, cogitei fazer o mesmo [...]. **Senti tal prazer em escrever que me esqueci dos inconvenientes dessa idade; mais ainda, a velhice me pareceu repetidamente doce e harmoniosa** (CÍCERO, 1999, p. 18, grifo nosso).

Ou seja, Cícero, na sua época, chama a atenção tanto para os “inconvenientes” da velhice como para o “potencial” desta fase da vida. Para alguns idosos, desafios e obstáculos fazem parte da vida cotidiana, mas para outros, envelhecimento é algo doloroso, como se fosse uma fase de adoecimentos e isolamento social. Portanto, desde a época de Marco Túlio Cícero, (106-46 a.C) o idoso com toda sua experiência de vida nem sempre se traduz em “sabedoria” para viver bem esta fase da existência. Para a sociedade contemporânea do chamado mundo ocidental¹, os idosos têm sido visto como uma pessoa improdutiva, ultrapassada, que não valoriza sua própria história, e pouco se tem feito para recuperar sua identidade, a dignidade e elevar sua autoestima, embora existam iniciativas políticas com projetos visando a autorealização e educação permanente para olhar a velhice com possibilidades de uma existência digna e feliz. No entanto

Diante do envelhecimento populacional, o principal objetivo é manter a **qualidade de vida** aos anos acrescidos, de forma que o idoso permaneça autônomo e independente pelo maior tempo possível, dando ênfase à promoção de saúde e prevenção das doenças (COSTA; PORTO; SOARES, 2003, grifo nosso).

Diante dos estudos realizados, percebe-se que o envelhecimento é um tema constantemente abordado por teóricos de várias áreas do conhecimento científico, seja pelo seu caráter biológico, social, antropológico e psicológico.

A preocupação de Cícero (1999), anteriormente mencionado, revela que há muito tempo já existe a preocupação com o processo do envelhecimento e, desde então, principalmente na contemporaneidade, pensadores e pesquisadores com conhecimentos científicos e empíricos acumulados, até o momento nos permitem afirmar que envelhecer não é sinônimo de doença e inatividade, apesar das crenças

¹ Ou seja, em sociedades como da Índia e do Japão, por exemplo, o idoso é uma pessoa mais respeitada e valorizada por sua família e comunidade. (MASC, Silvia, 2013).

e atitudes negativas sobre a velhice ainda serem hegemônicas em alguns contextos culturais (NERI, 2006; BOSI, 1994; BEAUVOIR, 1990).

Ainda, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) destaca que as políticas públicas devem facilitar o decorrer do processo do envelhecimento com saúde. Dentre as inúmeras transformações sociais que estamos passando no século XXI, a oferta de alimentos, a melhoria na saúde, ampliação das políticas públicas e o acesso à educação são fatores que contribuem e aumentam a expectativa de vida da população mundial, surgindo novos desafios e esperanças de que todas as culturas invistam na saúde física, mental e social dos idosos.

Paulo Freire (2000) escreve *Pedagogia da Esperança*, ou seja, o que diferencia o ser humano é a capacidade de ter esperança, de esperar. O mesmo também valoriza o diálogo ou a dialogia como modo de crescimento pessoal, comprometido com as lutas pelo bem estar dos sujeitos na sociedade marcada por contradições.

Ainda, sabemos que a maioria dos idosos participantes da Roda, na infância e na juventude, receberam uma educação tradicional, conservadora, disciplinadora, punitiva, moralista, cujo objetivo era formar cidadãos adaptados à sociedade de classes. A escola desta época também era fundada em valores conservadores e rígidos, que Paulo Freire (1983) denomina metaforicamente “educação bancária”. Na educação bancária “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1982, p. 54). O professor é dono de um capital de conhecimentos que deve “encher” (*sic*) os alunos de conteúdos de sua narração. A relação pedagógica entre professor e aluno seria vertical. Todavia, se o aluno demonstra ser “divergente” geralmente era reprimido com castigos físicos (palmatória, permanecer de joelhos, etc.).

São pessoas assim educadas ou “reprimidas” que a Roda de Conversa dispõe a ouvir, ou melhor, a “escutar”¹, sobretudo aquelas falas carregadas de

Acompanhamos T. Reik e P.L. Beinaert, que distinguem **ouvir** e **escutar**. O ato de ouvir diz respeito ao uso do aparelho auditivo para captar e interpretar sons. Contudo, ‘escutar’ implica algo mais. Reik usa a imagem do “terceiro ouvido” (*sic*) do psicanalista para com a fala do seu paciente. Beinaert escreve que ‘escutar’ é **encontrar no discurso do nosso interlocutor os momentos carregados de propósitos significativos, exatamente aqueles que estão plenos ‘daquilo que existe ainda para ser dito’ na medida em que eles estão marcados de emoções**. Cabe, portanto, ao psicanalista, professor, mediador ou dinamizador de grupos de conversa, primeiro, aprender a “escutar” o discurso do outro (paciente, aluno, participante de uma roda de conversa), que muitas vezes chega até nós por meio de “silêncios eloquentes”, meias palavras, omissões que deixam pistas, ou mesmo atos. Segundo, aprender ascender ao diálogo. “O diálogo não é somente o lugar de expressão e comunicação dos desejos, ele próprio é conduzido e mantido por um desejo essencial, o

marcas de repressão psicosssexual, de ressentimentos, da condição de vida difícil, das dificuldades de superação, etc. Ao lado destas imagens negativas também esses idosos podem conviver com a rememoração dos acontecimentos considerados bons (o convívio em comunidade, as amizades, as músicas da época). Seriam marcas de saudosismo?

Também podemos considerar que muitas pessoas desta geração, ao longo da existência, souberam superar a repressão subjetiva, conquistando assim o direito à problematização e à liberdade. Não raro escutamos idosos dizendo que só agora nesta fase da vida é que podem se dar ao direito de fazer o que desejam, ou sonhavam. Ou seja, a liberdade é possível agora, para rememorar, questionar, problematizar, corrigir, buscar, enfim, ser o sujeito de sua história.

[...] a liberdade é um movimento de envolvimento e de busca de superação das repressões subjetivas e opressões (FREIRE,p.34).

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos.

Crítico à “educação bancária”, Paulo Freire propõe a “educação problematizadora e libertadora”, pensando tanto no público criança e jovem como também no público idoso. Afinal, como diz o próprio Freire, o ser humano é um eterno aprendiz. Nesse sentido,

A educação para a liberdade é condição que habilita o idoso a propor planos e realizar projetos de vida, construindo, continuamente, novas possibilidades de ser. A educação libertadora desenvolve as competências necessárias ao enfrentamento dos desafios do envelhecimento e fortalece a coragem de romper para compor o novo. Para que **esse tipo de ação se efetive, são fundamentais iniciativas de qualidade, especificamente destinadas e programadas para a pessoa idosa, não restritas a fins assistencialistas ou paternalistas, mas voltadas ao**

desejo da palavra do outro, em troca da nossa palavra. Nosso interlocutor pede nossa palavra. Ajudar é dá-la. Mas que palavra? Possivelmente a palavra de respeito, compreensão, amor” (BEINAERT, 1966).

desenvolvimento do idoso como **sujeito de mudanças, inclusive do próprio modo de viver a velhice** (SILVEIRA, 2009, p. 22-23, grifo nosso).

Com essas mudanças no contexto da saúde populacional, é preciso que sejam definidas ações voltadas para proporcionar um melhor índice de qualidade de vida a esta população que vem aumentando, tanto no tempo médio de idade como também aumentando enquanto população “aposentada”.

A garantia desses direitos está determinada na legislação com o advento do Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003, como definido nos artigos 8º e 9º, que tratam do direito à vida:

O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção, um direito social [...]. É dever do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde mediante a efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade (BRASIL, 2003).

Todavia, é lamentável a situação de muitos nesta fase da vida, afastados do convívio social, desprovidos de uma vida prazerosa e mais saudável no âmbito físico, mental e social. No mesmo caminho dessa história, o direito à cidadania para o idoso ainda é um sonho, pois a sua maioria vive como um cidadão que, para a sociedade, já contribuiu com sua parte no sistema de produção. Dessa forma, sua experiência não é mais valorizada, sua mão de obra deixou de ser produtiva e lucrativa, e assim o idoso fica à margem do sistema de trabalho formal.

Nossa sociedade não vê os idosos como indivíduos que ainda podem trabalhar ou exercer alguma atividade criativa e produtiva. Portanto, este grupo tende a ficar limitado ao tempo livre, que também reforça a estigmatização com preconceitos de que a velhice é uma etapa de vida de enfermidades e isolamento social e psíquico.

Porém, esta impressão contradiz com o Estatuto do Idoso no que referencia o seu art. 2º: “[...] o idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana [...]” (BRASIL, 2003). Da mesma forma, o art. 20º estabelece que “[...] o idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2003).

De acordo com Piacentini (2015), os brasileiros com 60 anos ou mais, ou seja, idosos, somavam 26,3 milhões de pessoas em 2013, o equivalente a 13% da

população, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É uma população que está aumentando rapidamente, pois em 2001 era de 15,5 milhões, cujo crescimento dessa população deve-se, respectivamente, ao aumento da expectativa de vida e à queda nas taxas de fecundidade, como ocorre em todo o mundo.

Nos países menos desenvolvidos como o Brasil, o aumento da expectativa de vida tem sido evidenciada pelos avanços tecnológicos relacionados a área de saúde nos últimos 60 anos, como as vacinas, uso de antibióticos, quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou cura de muitas doenças. Aliado a estes fatores a queda de fecundidade, iniciada na década de [19]60, permitiu a ocorrência de uma grande explosão demográfica (MENDES *et al.*, 2005, p. 423).

Uma população constituída por um grande número de pessoas idosas exige que a sociedade se ajuste a esse fato e que as políticas públicas sejam elaboradas de maneira adequada a esse perfil da população. Portanto, é preciso que os serviços de atenção aos idosos, principalmente nas áreas de saúde e assistência social, sejam aprimorados (PIACENTINI, 2015).

É inquestionável que a longevidade é sinônima de uma vida mais saudável, resultado de uma medicina preventiva e de hábitos adequados, todavia, lamentavelmente a velhice não chegará para todos. O relógio biológico é perene, nesse momento deve se aceitar e adaptar-se física e psicologicamente, como algo natural, como quaisquer das etapas da vida. No entanto, essa etapa também precisa de cuidados que vão para além da aparência que sugere uma “bela velhice”.

A construção de uma ‘bela velhice’ parece depender tanto da sensação de segurança quanto da conquista de liberdade. De um lado, saúde, dinheiro suficiente para ter uma vida confortável, família trabalho. De outro, uma maior liberdade para seguir a própria vontade (GOLDEMBERG, 2013, p. 53).

Para Goldemberg (2013) existem inúmeras maneiras de construir e experimentar a beleza da própria velhice. Para ter na velhice um projeto e/ou sentido, dependerá da trajetória do indivíduo, a história de vida conta nos nossos processos existencial. Dessa maneira, envelhecer bem é o primeiro ponto a ser discutido, encontrar um projeto a ser vivido, fazer planos, viver da melhor maneira possível.

Alexandre Kalache (2016), médico, especialista em envelhecimento e atual presidente do Centro Nacional de Longevidade do Brasil, em entrevista concedida à Marina Lemos Gonzaga, tece as seguintes considerações:

Você pode ter até alguma doença, mas se acumular os 'quatro capitais' (*sic*) você vai ser feliz. São eles: *capital vital*, que é saúde; o *capital de conhecimento*, porque se você parar de aprender, atrofia; o *capital financeiro*, porque com dinheiro tudo se ajeita melhor; e o *capital social*. É aproveitar a vida com a família, amigos, vizinhos. Vai chegar uma hora em que você vai precisar deles, e velho ranzinza ninguém atura (GONZAGA, 2016, grifo do autor).

Portanto, para aqueles que conseguem estabelecer uma boa relação com o tempo a ser vivido, com todos os seus acompanhamentos, como rugas, cabelos brancos e as perdas que parecem estar sempre espreitando a cada curva do caminho, a despedida da juventude não significa sofrimento.

É apenas mais uma etapa da vida, necessária como a juventude também o foi, mas plena de possibilidades e ainda dotada de esperança, considerada por Paulo Freire (2000, p. 22), como categoria essencial à existência humana.

Iniciativas que envolvem experiências em grupo são desenvolvidas por vários setores sociais e culturais, com o objetivo de contribuir para o estabelecimento de vínculos afetivos e repercutindo na saúde física, mental e social dos participantes.

Além disso, o ser humano é essencialmente um animal gregário e que necessita das experiências grupais para o seu desenvolvimento:

As experiências grupais são as que permitem observar as características 'políticas' do ser humano: não porque estas sejam criadas neste momento, mas sim porque é necessário que haja um grupo reunido para que essas características possam se manifestar e assim converter-se em objeto de observação (GRINBERG; SOR; BIANCHEDI, 1973, p. 19, grifo do autor).

A Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) tem em seu Programa Centro de Referência do Envelhecimento o projeto *Roda de Conversa*, desenvolvido com o intuito de propiciar inserção social e cultural da pessoa idosa na sociedade e que será o próximo objeto de discussão a seguir.

3 ORIGEM DA RODA DE CONVERSA E SEUS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A Roda de Conversa é um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá (UEM) na qual funciona a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), fazendo parte do Programa Centro de Referência do Envelhecimento (PROCERE).

A criação da UNATI teve início em 14 de dezembro de 2009, data em que foi instituída como um órgão suplementar à Reitoria, permitindo assim que tivesse uma presença institucional mais extensa e mais sólida nos aspectos pedagógicos e políticos dentro da Universidade (STIELTJES; TAAM, 2011).

A concepção que a norteia é a de permitir à UNATI a participação ativa em uma política social que propõe mudanças na vida de uma população cujo envelhecimento processou-se em um quadro de condições socioeconômicas precárias e degradadas, embora tenha o compromisso de atender diferentes estratos de população, constituindo-se como um espaço realmente democrático (STIELTJES; TAAM, 2011).

A aula inaugural foi em março de 2010, e destaca-se na sua idealização e coordenação a Prof^a. Dr^a. Regina Taam, docente da UEM do curso de Pedagogia, com o apoio de outros docentes da Instituição.

A educação permanente para as pessoas que estão na terceira idade é o princípio que fundamenta a ação educativa a UNATI/UEM orientada pela esperança, em uma perspectiva progressista: “[...] assim concebida, a educação chama aqueles que venceram os desafios e superaram os obstáculos em muitos anos de existência e chegaram à velhice” (TAAM; STIELTJES, 2012, p. 24).

Nesse sentido, Paulo Freire (2000) desenvolve a Pedagogia da Esperança, na qual considera que o que diferencia o ser humano dos outros animais é a capacidade de ter esperança, de esperar. O mesmo também valoriza o diálogo - ou dialogia - como modo de crescimento pessoal, comprometido com as lutas pelo bem estar dos sujeitos na sociedade marcada por contradições.

A Roda de Conversa, que dá título ao projeto, é inspirada nos Círculos de Cultura implantados pelo Educador e Filósofo Paulo Freire, que é o autor que

melhor fundamenta teoricamente a parte mais substancial do projeto. De acordo com o autor, é importante saber a diferença entre Centro de Cultura e Círculo de Cultura e o próprio Paulo Freire explica que são aspectos distintos, deixando claro que os Centros de Cultura abrigam os círculos de cultura, que podem ser bares, bibliotecas populares, teatros, garagens, clubes de futebol, ocupações etc.

Já o Círculo de Cultura consiste em um espaço de diálogo entre aprender e ensinar, onde não se tem objeto, mas que todos são sujeitos de trocas de novas hipóteses de leitura de mundo (FREIRE, 1982, p.155).

Neste sentido a Roda de Conversa pode nos remeter a um costume antigo, quando as famílias ao entardecer iam para frente de suas casas para ter um “dedo” de prosa com a vizinhança da rua em que moravam; era o momento de descanso para trocas de informação, após longas jornadas de trabalho, geralmente entre amigos e vizinhos.

Então, o formato Roda de Conversa ganhou espaço nas escolas, universidades, associações comunitárias, igrejas, etc. Pode receber várias denominações: *Hora da Conversa*, *Hora de Conversar*, *Hora de Bater Papo*, *Papoterapia*, entre outras, de acordo com espaço e o ambiente no qual vai ser inserida. São diferentes expressões para a mesma atividade, que culmina num espaço de diálogo, ou mais precisamente, de “conversa” sobre determinados assuntos que atendem o interesse dos participantes..

Nas escolas, a Roda de Conversa se inseriu como momento de aprendizado, dando o aspecto mais descontraído, saindo daquele formato engessado com carteiras e cadeiras enfileiradas que as salas de aula dispõe tradicionalmente, possibilitando uma opção metodológica para além do ato de ensinar “bancário”, isto é, onde o exercício da conversa e do diálogo é instrumento de grande importância psicossocial.

Para Freire (1982), o diálogo é um ato transformador, é fundamental para as mudanças sociais e políticas. Por intermédio do diálogo o homem se desperta para consciência de mundo no qual se encontra; pode sair da condição de oprimido, para conquistar condição libertadora, ampliando a capacidade de livre expressão: “[...] o mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (FREIRE, 1982, p. 44). Sob esta perspectiva, o diálogo afasta a alienação, abrindo espaço para novas conquistas.

Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar, seja para concordar com a fala imediatamente anterior (MOURA; LIMA, 2014, p. 100).

Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens, pois, como diz Paulo Freire(1982, p. 45), “não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda”.

Quando se fala em Roda de Conversa, pode-se pensar que vai além de estabelecer momentos de “bate papo”, sim, um momento de exercício à cidadania, ao desenvolvimento da atitude democrática, do exercício de ouvir o outro e ser ouvido, ou de aprender a respeitar o tempo de falar e de escutar, possibilitando o desenvolvimento psicossocial, ou seja, o auto- conhecimento, a autonomia de uma identidade própria, o desenvolvimento da empatia, etc.

3.1 O FUNCIONAMENTO DA RODA DE CONVERSA

O grupo da Roda de Conversa que acontece na Universidade Aberta à Terceira Idade da UEM é conduzido pelos coordenadores ou mediadores de maneira dinâmica, no qual os participantes podem ser permanentes como podem participar vez ou outra. Essa abertura é pertinente tanto ao formato da Roda como às condições e demandas de cada idoso. Ou seja, um idoso que fica doente ou que tem outro compromisso é livre para faltar. Todavia, o grupo da Roda de Conversa se mantém com um número fixo de aproximadamente 20 pessoas, já considerando estes que eventualmente faltam. A desistência tem acontecido em torno de 10%, o que representa que algo do Projeto atrai e sustenta a permanência da maioria (80% a 90%).

A única exigência posta é a de que os participantes tenham idade igual ou superior a 60 anos, não há número limite de participantes, desde que ocupem o número de cadeiras que a sala comporta. Também não é exigido nenhum tipo de escolaridade, embora as atividades aconteçam numa sala 05 do bloco E-46, isto é, dentro da Universidade Estadual de Maringá.

Cabe ao mediador da Roda da Conversa ter clareza sobre que assunto emergente do grupo pode ser “com-versado”, isto é, pode render falas, reflexões, diálogos, impressões sobre a vida em geral, etc. Caso não surja no grupo um assunto, cabe à coordenação estabelecer uma temática, mas sempre consultando os membros do grupo sobre o interesse dos próprios. Contudo, no processo de conversação é preciso sustentar o foco da discussão, bem como definir horário de início e término do encontro (14h até 15h30min), podendo usar recursos de apoio: livros, músicas, poemas, filmes. Como já foi dito acima, as carteiras ficam dispostas em forma de círculo na sala de aula, isto é, compõem o ambiente físico mínimo para que atendam as necessidades do momento.

Também cabe ao mediador promover sempre a reflexão do tema debatido, porém é necessário evitar a monopolização do assunto por uma pessoa ou subgrupo (conversas paralelas), ou seja, a Roda de Conversa, no fundo, é um aprendizado do diálogo, que consiste um tempo para falar e outro para escutar, por isso é preciso sempre dar oportunidade para que todos possam expor suas ideias e sentimentos, sobretudo aqueles mais tímidos.

É imperioso que a coordenação evite que algumas pessoas do grupo entrem em “confronto” de posicionamentos políticos ou religiosos. Mas é bem vinda, para além do diálogo, a exposição de “conflitos”, a “discussão sadia” de ideias e pontos de vista. A propósito da distinção entre confronto e conflito, Cortella (2014) observa que:

[...] o conflito leva à melhoria da condição de convivência. Já o confronto é sempre negativo, porque leva a anulação da outra pessoa, da outra ideia, portanto, ele é esmagador. Enquanto que o conflito procura ‘convencer’, o confronto busca ‘vencer’. No confronto há perda, no conflito há [possibilidade] de mudança.

Fica a cargo do mediador o encerramento da discussão do tema no horário proposto, fazendo uma síntese do que foi discutido, sinalizando os aspectos relevantes e, finalizando o tema com uma apresentação cultural, geralmente uma apresentação musical com membros do próprio grupo. Ao final, é oferecido um lanche (*coffee break*) aos participantes, organizado pelos próprios.

Reforçando os procedimentos:

a) **Os encontros** têm duração de uma hora e trinta minutos, semanalmente às sextas-feiras no período vespertino. Os temas podem ser sugeridos pelos

participantes ou pelos coordenadores do projeto, que introduzem “temas dobradiças” que alargam e aprofundam as conversas;

b) Cabe à **coordenação** cumprir com o horário estabelecido, ser gentil com todos, respeitando as diferenças, ser amável no acolhido, inserir e apresentar as pessoas que participam pela primeira vez na Roda de Conversa, mostrando que cada indivíduo é um integrante importante daquele espaço e, de maneira democrática, estimular a participação do grupo como todo.

c) Na primeira fase, a Roda de Conversa tinha à frente apenas a coordenadora, Prof^a. Regina Taam, com formação em pedagogia. Na segunda fase, junto com a Prof^a. Regina, também passou a fazer parte do projeto uma aluna-Dirlene Fonseca orientanda da graduação em pedagogia. Na terceira fase, junto com ambas, foi incluído à Roda o Prof. Raymundo de Lima, com formação de base em psicologia e experiente em trabalhos em Dinâmica de Grupos. Na quarta fase, devido à aposentadoria da Prof^a. Regina Taam, o Prof. Raymundo de Lima passou a ser o coordenador do projeto e dos encontros da Roda de Conversa da UNATI, com o apoio da aluna-orientanda em pedagogia. Lembrando que este grupo é formado por idosos, muitos dos quais são solitários que demandam falar sobre sua condição existencial e/ou estabelecer diálogo com seus pares.

d) O grupo dinamizador reúne-se semanalmente para planejar e avaliar as ações. Utiliza-se de temas abordados, para facilitar a associação do participante sobre o mesmo, bem como fazer a autocrítica e corrigir eventuais erros de condução.

4 METODOLOGIA

A metodologia empregada na elaboração desse artigo foi a da pesquisa qualitativa, que está relacionada no levantamento de dados sobre a motivação do grupo e compreender e interpretar determinado comportamento, opinião e expectativa, constituída por duas etapas: a primeira, relativa à pesquisa bibliográfica sobre o assunto em livros, artigos e *sites* científicos sobre a temática do trabalho e a segunda etapa, uma pesquisa relativa aos participantes da Roda de Conversa, utilizando como recurso as histórias de vida escritas e orais contadas por eles,

revelando suas experiências e, dessa maneira, buscando a resposta ao questionamento do trabalho.

Desse modo, este trabalho é do tipo participante, delimitado no campo educativo, tem o propósito de contribuir à uma determinada camada da sociedade na qual estamos inseridos, possibilitando experiências que irão propiciar aprendizagem e estudos acerca de vários temas e problemas da vida cotidiana, que afetam principalmente os idosos.

O desenvolvimento desse trabalho foi realizado com coleta de dados entre fevereiro de 2015 a dezembro de 2016. Dos participantes observados, muitos são permanentes, outros esporadicamente e outros participaram uma única vez.

Os encontros foram realizados semanalmente, às sextas feiras, com duração de uma hora e trinta minutos. Os participantes se acomodaram em carteiras de sala de aula, arrumadas por eles mesmos em formato de círculo, o que contribuiu para dar maior visibilidade a cada membro do grupo mais a *gestalt* do mesmo.

Em um momento foi sugerido fazer um teste em que somente as cadeiras em sala de aula (sem as carteiras) eram para serem ocupadas, para ver se os participantes se adaptariam ao novo estilo da Roda Conversa. Esse formato não foi muito aceito, houve questionamentos sobre o desconforto, pois não tinham mais o ponto de apoio para o descanso dos braços e acomodação dos pertences. Então, foi sugerido que o antigo formato voltasse ao seu estado original.

As propostas que o grupo fazia e faz são voltadas para a manifestação de livre expressão e poder criativo dos participantes, neste sentido desenvolvido pelos integrantes da coordenação do projeto.

A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para a discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através dos diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Os procedimentos metodológicos deste trabalho ocorreram em três momentos, em que cada um deles teve um objetivo específico:

1ª Acolhida, entre os participantes e o mediador;

2ª O início da Roda de Conversa, com um tema pré-estabelecido pelo mediador, pode ser também sujeito ou tema sobre o que os participantes queiram dialogar;

3º Anotações, em forma de fichamentos, leituras e fichamentos de livros, teses, artigos, ensaios sobre a terceira idade. Também foi realizado acompanhamento de reportagens da mídia sobre o assunto, dados colhidos e rascunhos de textos que analisam os conteúdos anotados e refletidos pelos participantes.

4.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período de observação como estagiária do projeto Roda de Conversa colhemos dados para este TCC e reconhecemos a evolução tanto dos encontros com o grupo quanto da maioria dos participantes. Desse modo, foi uma oportunidade para complementar a formação em pedagogia como também contribuiu para reflexão sobre “o que fazer” para promover a saúde social, física e mental da população idosa.

Como já foi dito, no decorrer dos encontros na Roda ¹de Conversa, conforme estilos de ambos os coordenadores ou mediadores, a escolha dos assuntos sempre mobilizou os participantes do grupo. Houve encontros que a coordenadora ocupou metade do tempo para fazer considerações em torno de um assunto, acontecimento, poesia, prosa, para em seguida abrir para cada participante falar. Mas também houve encontros em que praticamente os participantes ocuparam quase todo o tempo focando a conversa em torno de um assunto de interesse de todos. Um vasto universo temático foi abordado entre fevereiro de 2015 a dezembro de 2016, dentre os quais estão tristeza; morte; ciúmes; solidão; passado; futuro; felicidade, dentre outros do interesse dos participantes.

A discussão de temas variados permite ao idoso a troca de experiências vividas e, por que não, a expectativa com relação aos fatos que ainda acontecerão:

*** As letras em negrito não correspondem as iniciais dos nomes dos participantes, são meramente ilustração.

As pessoas idosas sonham e desejam e esperam porque sabem que o universo do possível aguarda a ação do homem para fazer-se objetivo e real. Sendo parte da humanidade que faz a história, deve, então, o idoso nutrir-se de esperanças que redimensionam sua vida, expandindo o 'horizonte utópico concreto', utópico porque é o 'ainda não', e concreto porque conhece os limites dos seus sonhos e as condições para que se realizem (TAAM; STIELTJES, 2012, p. 23).

Dessa maneira, ainda na velhice permanece a esperança de que coisas boas aconteçam, e “a esperança se realiza na história, e a história tem um tempo diferente da nossa vida pessoal; a minha esperança deve acolher o tempo histórico como lugar realização da sua utopia” (TAAM; STIELTJES, 2012, p. 20). É essa a ideia traduzida por Paulo Freire, de que a educação orientada pela esperança é necessária, e por isso deve ser aprendida, independentemente do momento da vida.

Nos depoimentos dos participantes, podemos observar a frustração pela não realização de muitos sonhos:

Sonhava em ser aviador, mas fui desencorajado pela mãe, depois em ser marujo, também desencorajado pela família e acabei trabalhando em uma farmácia.

C: *Meu sonho era ser agrônomo...*

J: *Eu sonhava em ser cadete. Fiz a prova, mas não consegui. Outro sonho era ser professor.*

E assim alguns depoimentos femininos trouxeram o sonho de ser aeromoça, outro ser enfermeira e acabaram desistindo para se casar, embora afirmem que adoram a vida que tem e não se arrependeram de suas escolhas. Outros sonhos são mais subjetivos, envolvendo outras pessoas:

M: *O meu maior sonho é ver minha esposa sarar de um problema que ela tem.*

M.S.: *O meu grande sonho é ver meu filho bem encaminhado e minha família agregada.*

Pela análise dos depoimentos podemos inferir que todos possuem algum tipo de sonho não realizado e que encaram como fazendo parte do passado, sem esperanças de que ainda se realizem.

Com a chegada da velhice e com ela as dores e as perdas, a educação que se apresenta deve ser aquela que alimenta o pensamento crítico e oriente a luta pela superação das condições que impedem uma vida digna: “se tiver êxito, a pessoa idosa, movida por uma grande ‘esperança de vida’, passará a entender os anos que tem pela frente como tempo de possibilidades, tempo de realizações, de lutas e enfrentamentos” (TAAM; STIELTJES, 2012, p. 25).

Um tema que gerou muitos relatos enriquecedores em forma até de “desabafo”, foi: “Falar sobre a perda de um objeto, que causou sofrimento”. Os relatos indicaram que muitos já haviam passado por essa experiência.

Ouvimos relatos que falavam da dor da perda, cuja tristeza deixou marcas:

C: *Perdi um pingente de Nossa Senhora. Ganhei de presente, eu era ainda muito jovem. Para mim aquele objeto era como se fosse algo que sempre me dava sorte. Tudo que eu precisava almejar na minha vida profissional e pessoal era nela que concentrava todas minhas “energias” e sempre deu certo. Quando a perdi foi como se um pedaço de mim tivesse ido embora, parecia que eu estava vulnerável, não tinha mais a proteção da minha santinha, ela fazia diferença em minha vida.*

A: *Perdi minha aliança de casamento.*

T: *Perdi a única fotografia que tinha de minha mãe comigo em seu colo.*

G: *Quando era criança, ganhei de meu pai, uma boneca de papelão. Brinquei a tarde toda com ela. Como de costume, depois de brincar recolhia todos os brinquedos para guardar, mas naquele dia esqueci minha boneca de papelão, choveu muito a noite toda, quando acordei de manhã para buscá-la estava toda derretida com o efeito da chuva. Chorei muito, perdi minha companheira.*

Durante a discussão, em alguns relatos, foi esquecida a palavra “objeto” e deu lugar às lembranças, como de entes queridos, que foram para outro plano espiritual, a superação de uma separação conjugal e até mesmo entre pais e filhos.

M: Diante da morte ficamos tão impotentes, seja qual morte for, aquela já esperada, aquela que vem como raio.

Começamos a questionar: Porque, Porque tem que ser comigo? Entre outras tantas indagações.

Foi difícil de aceitar a morte de minha filha, uma garota cheia de vida, sonhadora. Sempre conversávamos sobre o seu futuro, será que casaria? Teria filhos? Cursaria uma faculdade, seria uma médica, psicóloga, engenheira talvez? Mas não deu tempo, uma dieta medicamentosa para perder peso levou minha menina de mim, ela se foi aos 15 anos de idade, sofri todas as dores que uma mãe suporta sofrer. Daria tudo dessa vida para tê-la de volta, mas sei que isso é impossível. Mas em sua breve vida minha menina deixou muitas alegrias e belas recordações, é delas que tiro forças para seguir em frente.

J: Quando me separei, e fiquei com meus filhos todos muito pequenos eu precisava trabalhar e não tinha com quem deixá-los. Um dia sai de casa pedalando minha bicicleta, sai sem rumo, não queria mais voltar pra casa, pedalei por horas sem destino, sem rumo, era uma responsabilidade muito grande criar, alimentar e educar três crianças, sozinho, não sabia como lidar com essa situação, mas não sei o que houve comigo, simplesmente voltei para casa para cuidar dos meus filhos.

Criei-os e eduquei-os, com muita dificuldade, pois precisei muitas vezes fazer o papel de mãe, responder questionamentos que só uma mãe sabe responder a um filho. Mas venci hoje todos adultos, cada um seguindo sua vida.

Sinto-me orgulhoso, do pai que fui e que sou.

Diante desses relatos, podemos inferir que a Roda de Conversa oportuniza aos participantes rememorar e expressar alguns acontecimentos que não tiveram oportunidades de partilhar com outras pessoas, como os seus medos. Dentre os relatos, foram citados, como medos a preocupação de envelhecer distante dos familiares, como nos asilos, de ter vida social, de perder a capacidade (“na nossa

idade é bom levar sempre endereço”, “acho que estou ficando velho”, “Com Alzheimer é assustador”, “Tenho medo de não poder andar”).

A preocupação com a própria velhice aparece em frases como “o idoso tem que se valorizar”, “não deixem que zombem...”

Cora Coralina escreve em um poema que:

*“Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces”.*

Nesse poema intitulado “Aninha e suas pedras”, Cora Coralina, usando uma metáfora, escreve em forma poética o que cada um fez com as pedras de sua vida, transformando os momentos de dor, sofrimento e solidão em momentos de reflexão, lição de vida. Isso não quer dizer que estes momentos lembrados em palavras foram definitivamente curados.

Há relatos que apontam como um “desabafo” de como é possível superar estas perdas, e também há relatos – e silêncios – que revelam dificuldades pessoais. Muitas frases ditas pelos participantes indicam a busca da superação de dificuldades:

J: *Um dia de cada vez.*

A: *É errado dizer: Deus cuida de mim e cruzar os braços. Temos obrigação de cuidar da saúde.*

A: *Vou estar sirigaita em 2030.*

O livro “A bela velhice” (2013), da antropóloga e professora Mirian Goldemberg, foi comentado na Roda de Conversa por várias semanas, em que cada capítulo foi abordado com questionamentos sobre os relatos escritos no livro, inclusive com divergência de opiniões sobre os mesmos. Destacamos dois pontos principais dos comentários do livro foram “como o homem e a mulher encaram a velhice”. Outro ponto bem discutido foi qual atributo que o homem tem que traz inveja à mulher e a mesma pergunta se remete ao homem. Parece que houve consenso entre as mulheres do grupo e as entrevistas do livro: elas mais invejam no homem, a liberdade. Por seu lado, os homens parecem que não sentem inveja de algum atributo da mulher. Este capítulo foi muito bem explorado pelos participantes, durante alguns encontros da Roda de Conversa.

Os homens relataram como superaram a perda de suas esposas nos hábitos domésticos:

J: *Não sabia nem como fazer café. Tinha que fazer todo o serviço doméstico.*

C: *Não sabia fazer nada, hoje faço até doce de mamão.*

P: *Casei com 40 anos, com 41 tive um filho e logo em seguida fiquei viúvo. Tive de criar o filho sozinho...*

Durante o processo dos encontros, foi possível observar nos participantes o desejo de continuar aprendendo e de esperança, confirmando o reconhecimento de Freire de que a luta pela transformação do mundo e de si mesmo não tem fim, é permanente, como a própria educação (FREIRE, 2000). De acordo com o mesmo autor, a esperança é necessária, mas necessita ser aprendida, para que possa iluminar a consciência crítica e combater o desânimo, o comodismo e, principalmente, o medo de ter esperança. Para alguns idosos, a aposentadoria é o final, enquanto que para outros é o começo de curtir a vida:

A: *Eu me aposentei para viver, aproveitar mais a vida.*

T: *Eu me perdi na vida ao me aposentar.*

F: *Eu era professora, me aposentei porque perdi o encanto pela profissão. Quando entrei na profissão, sempre quis ser professora, mas o grande sonho era ser médica. Hoje não tenho nenhum projeto na vida.*

As experiências desenvolvidas na UNATI/UEM propiciam ao idoso o acesso ao conhecimento, na busca de respostas aos questionamentos acerca das condições sociais e políticas que afetam cada vez mais profundamente a dignidade humana. Como afirma Freire (2000, p. 10): “[...] esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída”.

Portanto, cada pessoa pode assumir a autoria de sua história e participar da construção da história de seu tempo, independentemente da idade:

A idade não nos isenta dessa participação, não tira de nós a responsabilidade de tomarmos nossa vida nas mãos, fazendo dela tudo o que ela pode ser, nem exime o cidadão coletivo das consequências de ações e omissões que podem transformar a sociedade para melhor ou para pior (TAAM; STIELTJES, 2012, p. 24).

O engajamento e a participação não diminuem com o passar dos anos e, sendo assim, a educação na velhice deve buscar mais do que as orientações para uma vida saudável, ainda que esta seja também uma meta para todos, não somente os idosos. Entretanto, é possível, pela educação para o idoso, proporcionar as condições para que este possa enfrentar o tempo que tem pela frente como um período de possibilidades, de conquistas pessoais e sociais, de realização de desejos com os quais ele nem havia pensado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o processo de pesquisa desse artigo Roda de Conversa na Terceira Idade uma Práxis Educação Permanente, concluiu-se, que os participantes em sua maioria, são portadores de consciência elaborada em suas experiências vividas, formadas a partir de seu trabalho, suas crenças e saberes assimilados em sua jornada existencial. As lembranças são recebidas como uma forma de exercício, e a escuta é o que completa esse processo, de forma natural apenas apoiando na forma prazerosa da troca de informações entre pessoas distintas, mas com um mesmo formato de vida, e concluímos que: a vida só tem sentido quando podemos contar nossa história.

Portanto é um equívoco dizer que o idoso é um ser alienado socialmente esse tipo de consciência, assentada no senso comum, não limita a compreensão do sujeito acerca das verdadeiras condições que estão por trás da realidade dos fatos, mas sim que, ao ser privado do acesso ao conhecimento científico, não possuirá as condições necessárias para ir além das situações cotidianas e entender e reivindicar seus direitos negados pela sociedade.

A formação de uma consciência crítica nos indivíduos da terceira idade é que os fará ter esperança de alcançar as mudanças sociais, na busca de uma vida melhor.

Todavia, o acesso ao conhecimento cientificamente elaborado é a forma de proporcionar aos idosos novas perspectivas de vida, saindo do desânimo esperado ao alcançar a velhice. Geralmente, é senso comum considerar a velhice como um período de sossego, de falta de perspectivas futuras e de conviver com as perdas e se preparar para o fim de sua existência, ao qual Freire se refere como um “cansaço existencial”, ao se referir ao cansaço espiritual que invade os velhos trabalhadores.

São ações como a UNATI que proporciona aos idosos, novas experiências e que combate o cansaço existencial com estratégias que trazem à tona os desejos e as esperanças para superação do fatalismo e do conformismo.

As experiências em grupo, como A Roda de Conversa na terceira idade UNATI/UEM, apresentadas nesse trabalho, constituem em experiências sociais partilhadas que permitem conhecer os medos, as inseguranças e as frustrações de cada um, e que, ao serem expostas, podem resultar em ações concretas de superação, movidas pelo conhecimento e pela compreensão de que são cidadãos atuantes, na sociedade, em busca de uma vida melhor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcos A. B. *et. al.* **Qualidade de vida**: definição, conceitos e interfaces com outras áreas de pesquisa . São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/edicoes-each/qualidade_vida.pdf > Acesso em: 12 Dez. 2016.
- BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BEINAERT, P.L. **Psychologie et Experience Chretienne**. Tradução: José Otávio V. Naves. Paris: E.P.I., 1966.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Lei n.º 10.741**, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 out. 2003. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm>. Acesso em: 10 out. 2016.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. **Estatuto do Idoso**: Câmara, 2007.
- CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer - Seguido de A amizade**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 1999.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **Conflito e confronto**. Publicado em: 29 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SKDB4Nr8Xm4>>. Acesso em: 22 nov. 2016.
- FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATRO, Maria H. S. (org.) **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p.54-70.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GOLDEMBERG, Miriam. **A bela velhice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- GONZAGA, Marina Lemos. **A beleza da longevidade**. Disponível em:<http://www.marciapeltier.com.br/a-beleza-da-longevidade>. Acesso em: 01 dez. 2016.
- GRINBERG, Leon; SOR, Dario; BIANCHEDI, Elizabeth Tabak de. **Introdução às ideias de Bion**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil: 2000. Rio de Janeiro: 2002.

MASC, Silvia. **O olhar ao idoso no Japão e na China**. Artigo publicado em 25 de abril 2013.

MENDES, Márcia Barbosa *et al.* A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paul. Enferm.** São Paulo, v. 18, n. 4, p. 422-426, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002005000400011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 nov. 2016.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: Roda de Conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, jan.-jun., 2014.

NERI, Anita Liberalesso. Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: Freitas, E.V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan, 2006.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Envelhecimento Ativo**: uma Política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PIACENTINI, Patrícia. Mais velhos. 03/06/2015. **Revista Pré-Univesp**, n. 60, nov. 2016. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/mais-velhos#.WClmUdUrLIU>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SILVEIRA, Nádia D. R.; BORTOLOZZO, Maria Cristina; CARVALHO, Dirce M. **Pessoa idosa**: educação e cidadania. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, 2009. Disponível em: http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume7_Educacao_e_cidadania.pdf.

STIELTJES, Cláudio; TAAM, Regina. A UNATI da UEM: educação e política. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva; D'ALENCAR, Raimunda Silva (Orgs.). **As experiências de universidades abertas em um Brasil que envelhece**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011.

TAAM, Regina; STIELTJES, Claudio. Esperança de vida e educação permanente na terceira idade. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 34, n. 1, p. 19-26, jan.- jun., 2012.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAREMBLIT, Gregório. **Grupos: Teoria e Prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1996.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998,

BOBBIO, Norberto. **Elogio da serenidade e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2002.

CACHIONI, Meire; AGUILAR, Luis Enrique. Crenças em relação à velhice entre alunos da graduação, funcionários e coordenadores-professores envolvidos com as demandas da velhice em universidades brasileiras. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 95-119, 2008.

CARDOSO, Doris de Moraes. Longevidade de tempo livre: novas propostas de participação social e valorização do idoso. **Revista A Terceira Idade**. São Paulo: Sesc-Geti, v.15, n. 30, p. 36-51, maio 2004.

FERRY, Luc. **Aprendendo a viver: filosofia para os novos tempos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FREUD, Sigmund. O valor da vida. In: **Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GROISMAN, Daniel. A velhice, entre o normal e o patológico. **História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.9, n. 1, p. 61-78, jan.- abr. 2002.

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e o mar**. 74. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MARTINS, E. J. S. **De volta à escola: investindo em uma proposta de Universidade Aberta à Terceira Idade**. Marília, 1997. Tese – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 1997.

OSÓRIO, Luiz Carlos. (org.). **Grupoterapia, hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SKINNER, Burrhus Frederic.; VAUGHAN, M.E. **Viva bem a velhice: aprendendo a programar a sua vida**. São Paulo: Summus, 1985.

VECCHIA, Roberta Dalla *et al.* Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. Associação Brasileira de Pós - Graduação em Saúde Coletiva , v. 8, n. 3, p. 246-252, 2005.

VELLAS, Pierre. **As oportunidades da terceira idade**. Trad. Claudio Stieltjes e Regina Taam. Maringá: Eduem, 2009.

VERAS, Renato. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. **Revista A Terceira Idade**. São Paulo: Sesc-Geti, v.14, n. 28, p. 6-29, set. 2003.